



suas habilidades para outras turmas, apresentando sua percepção artística.

Mas havia algo interessante naquela criança, ela dizia firmemente não querer saber das letras, não entender a necessidade de escrever em linhas tão pequenas. Gostava de estar na sala, mas queria saber se poderia ficar um pouco no corredor, sentava na cadeira, mas tentava frequentemente pular de uma cadeira para outra; era conhecida como “agitada, incompreensiva, desobediente, respondona, bagunceira e que precisa de uma avaliação psiquiátrica”, especialmente para as pessoas que não a conhecia de perto. Como “suei a camisa” para entender sua singularidade e, como ela “suou” a camisa para entender a lógica da escola, como: aprender a escrever seu próprio nome, entender a diferença entre número e letra, e a tristeza de descobrir que não podemos usar “só” os desenhos para nos comunicar ou registrar os fatos.

Estou resumindo toda uma história curiosa, na qual lutamos durante três longos anos para argumentar suas aprovações com nossos pares e seus familiares, de um ano para o outro, até seguir para o 4º ano do Ensino Fundamental. Lembro-me quão difícil foi continuar e lutar por sua singularidade. Era difícil ouvir da escola, que cada um tem o seu currículo e deve ser respeitado em sua singularidade, mas não aceitavam uma criança que se dobrou no sistema de escolarização para escrever o nome e conhecer as letras, mas que após três anos “ainda não sabia” ler e escrever. Afinal, como avaliar em tais condições? (ESTEBAN, 2003; FERNANDES, 2021). Mesmo argumentando que ela havia desenvolvido outras potencialidades, que se esforçou para ter o mesmo comportamento esperado pelas outras crianças, ter lutado para não transgredir os conteúdos da escola, a criança ficou reprovada no 4º ano; ano seguinte aos nossos três anos de atuação.

A procura por *ajudaconversa* da professora de artes do 4º ano “para desabafar” foi um dos pontos que me chamou atenção. Sua tristeza revelava o quanto não aceitava a reprovação da criança. Mesmo sem conhecer a professora de artes do 1º ano, que destacou a natureza inventiva do estudante, viu que tinha um artista na sala e me perguntou: - *Você foi professora dessa criança no ano passado, certo? Viu como ela é incrível! Queria saber... Por que não posso aprová-la? Falei tudo que podia no conselho de classe, mostrei que ela é um fenômeno das artes, mas senti que minha disciplina era menor do que a importância de ler e escrever...*

E continuou: - *Por quanto tempo teremos que reprovar nossos artistas? Existem biografias de cientistas, pintores, artistas e grandes inventores que foram reprovados na escola... O que posso fazer quando vejo em uma criança que sua maior potência não está valorizada no currículo da escola, como eixo principal? Por mais que falemos que algumas crianças precisam de mais tempo, até o tempo tem limite? O que é aprender? É saber ler,*

*escrever e fazer as quatro operações? Não estou querendo dizer que o complexo processo da leitura e da escrita deve ser eliminado, mas estou perdida... parece que perdi meu sentido como professora nas artes.*

Ali, com a professora de artes, senti sensações que relatou Regina Leite Garcia no texto “A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano”:

A cada esforço, a decepção de uma diferença que insistia em se revelar. (...) A cada reclassificação, que nos parecia a recuperação da ordem procurada, uma nova desordem, que assim nos aparecia a diferença que tanto nos atrapalhava. Como lidar com o que fugia a nosso controle? Como ensinar a um grupo de crianças, se cada criança como um rizoma nos escapulia? E como avaliar, se cada criança parecia ir por um caminho diferente, frequentemente tomando atalhos em vez da rota por nós posta como a melhor, senão a única?  
(GARCIA, 2003, p.199)

Vivi em tal experiência, um certo aprisionamento da condição da aprendizagem, que acabava por condicionar o que esperamos com isso e quanto podemos “dar” ou emprestar de “tempo da aprendizagem”, direcionando e reduzindo a função educativa escolar (Biesta, 2013). Senti a sensação de ser uma guardiã do conteúdo, do limite de tempo para aprender, de um conjunto de possíveis sentidos que a criança “pode” ter ao estudar, mantendo e produzindo certo equilíbrio entre as diferenças. Inspirada, dentre outras conversas, na desobediência epistêmica, de Anibal Quijano (1992), me perguntei o que tal situação dizia e saboreei “ficar de ponta cabeça”, como diria Nilda Alves.

A opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento(...). **Consequentemente, a opção descolonial significa, entre outras coisas, aprender a desaprender (...), já que nossos (um vasto número de pessoas ao redor do planeta) cérebros tinham sido programados pela razão imperial/ colonial.**  
(MIGNOLO, 2008, p.290) (grifo meu)

Os desassossegos vividos na ação docente diária com as crianças, questiona a sustentação da operação ensino-conhecimento-aprendizagem (Biesta, 2013), entendendo o sujeito descentrado, em processos indecidíveis a priori, potencializadas por experiências

complexas em constante criação (Laclau,1996). Assim, a *conversareflexão* que puxo com tal pergunta que intitula a escrita é um convite ao diálogo com as marcas da contingência constituinte do mundo enquanto construção social, numa lógica que ressignifique-se na outra, expanda-se *com* a outra e aprendam juntas, ao unimo-nos, sem medir leituras de mundo, num esforço contemporâneo transitório, em que não podemos fixar o Outro e nem tampouco demarcar fronteiras. Libertos a perguntar à alteridade, digo à pesquisa: O que tal relação com a diferença nos faz perguntar a cada passo investigativo? E digo-vos: - É preciso deslocamento.

**Palavras-chave: Narrativa Docente, Ensino Fundamental, Cotidiano Escolar.**

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano.** Coleção Educação, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ESTEBAN, M. T. **Dilemas para uma pesquisadora com o cotidiano.** In: GARCIA, R. L. **Método: pesquisa com o cotidiano.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FERNANDES, C. O. **Avaliação como projeto de aprendizagem,** Revista Com Censo 24, v.8, março, 2021.

GARCIA, R. L. **Método: pesquisa com o cotidiano.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LACLAU, Ernesto. **Emancipations.** London:Verso,1996.

MIGNOLO, W. D. **Desobediência Epistêmica: A Opção Descolonial e o significado de Identidade Política.**Cadernos de Letras da UFF, n. 34, 2008.

LOPES, A. C.; BORGES, V. **Currículo, conhecimento e interpretação.**Currículo sem fronteiras, v. 17, 2017.